

A HISTÓRIA DA COMUNIDADE DE SANTA ISABEL E SEUS SABERES SOB PERSPECTIVAS ETNOMATEMÁTICAS



DANIELA RIBEIRO DE SOUZA
ELINE DAS FLORES VICTER

ILUSTRAÇÕES: JÂNICE MUNIZ

UNIVERSIDADE
UNIGRANRIO

PPGEC
Programa de Pós-Graduação
em Ensino das Ciências

A HISTÓRIA DA COMUNIDADE DE SANTA ISABEL E SEUS SABERES SOB PERSPECTIVAS ETNOMATEMÁTICAS

Daniela Ribeiro de Souza

Eline das Flores Victer

Ilustrações: Jânice Muniz

1ª Edição

**Duque de Caxias
Editora UNIGRANRIO
2022**



PPGEC

Programa de Pós-Graduação
em Ensino das Ciências

Permitida a reprodução total ou parcial, desde que os autores sejam citados.

CATALOGAÇÃO NA FONTE
NÚCLEO DE COORDENAÇÃO DE BIBLIOTECAS - UNIGRANRIO

S729h

Souza, Daniela Ribeiro de.

A história da Comunidade de Santa Isabel e seus saberes sob perspectivas etnomatemáticas / Daniela Ribeiro de Souza, Eline das Flores Victer. – Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, 2022.
61 p. : il. ; 14 cm.

Inclui referências.

ISBN: 978-85-9549-264-6

1. Educação. 2. História. 3. Relação Brasil-Portugal. 4. Etnomatemática. 5. Vida rural. I. Victer, Eline das Flores. II. Título.

CDD – 370

Este trabalho foi produzido no âmbito do Programa de Pós Graduação em Ensino das Ciências da UNIGRANRIO, no curso de Mestrado Profissional em Ensino das Ciências na Educação Básica e foi Avaliado pela Banca Examinadora:

Chang Kuo Rodrigues
Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade de Juiz de Fora
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Haydéa Maria Marino de Sant'Anna Reis
Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências na Educação Básica
Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO)

Adriano Vargas Freitas
Programa de Pós Graduação em Educação (PPGEdu - UFF)
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Este produto educacional esta protegido pela licença

Creative Commons:



SUMÁRIO

1. Propostas em Educação Matemática que podem valorizar a cultura do campo e a Etnomatemática presentes no contexto da comunidade	5
2. Histórico da Comunidade de Santa Isabel pelas vozes dos primeiros imigrantes portugueses	9
3. Propostas de trabalhos para a valorização da história e dos saberes da comunidade	35
Atividades:	
1. Nossa história	35
2. Aula passeio e visitação de uma plantação da comunidade	44
3 . Visitação a feira livre	51
4. A água no nosso Bairro	54
Referências	58

1. Propostas em Educação Matemática que podem valorizar a cultura do campo e a Etnomatemática presentes no contexto da comunidade

A Etnomatemática é um programa de pesquisa com uma vertente Etnoantropológica da educação, pois revela que desde os primórdios dos tempos o ser humano tem procurado desenvolver maior interação com o meio, buscando soluções para melhorar suas condições de vida e de suas práticas de trabalho, construindo assim os aspectos peculiares de sua cultura (D'AMBROSIO, 2001). Especificamente no contexto do campo, a Etnomatemática mostra-se muito relevante, visto que os agricultores utilizam-se de suas construções matemáticas em sua vida cotidiana durante todo o tempo.

O programa Etnomatemática compreende as diferentes representações e construções de diversos grupos étnicos, bem como sua produção cultural, intelectual como fontes de conhecimento e do próprio reconhecimento identitário deste grupo.

Entendendo sua estrutura holística, a Etnomatemática procura compreender o saber e o saber fazer de diferentes grupos e povos, bem como sua história, suas linguagens e suas peculiaridades. Assim, segundo D'Ambrosio (2001), a Etnomatemática é a matemática produzida por grupos culturais, como as comunidades rurais, indígenas, grupos de

trabalhadores ou crianças de certa faixa etária que se reconhecem por características próprias.

Além do aspecto histórico, há fortemente impregnado no conceito da Etnomatemática um viés político, social e ético, quando busca entender as representações deste grupo e seu saber fazer, tornando-o protagonista e construtor de conhecimento.

As distintas maneiras de fazer [práticas] e saber [teorias], que caracterizam uma cultura, são parte do conhecimento compartilhado e do comportamento compatibilizado. Assim como comportamento e conhecimento, as maneiras de saber e de fazer estão em permanente interação. São falsas as dicotomias entre saber e fazer, assim como entre teoria e prática. (D'AMBROSIO, 2001, p.20)

No tocante às propostas de trabalho a seguir podemos compreender que são apenas proposições que podem possibilitar uma colaboração para o ensino da matemática e das outras áreas do conhecimento no cotidiano escolar. Sabemos o conhecimento não é construído apenas em blocos separados como língua portuguesa, matemática, ciências, história e geografia por exemplo, mas possuem uma enorme congruência de possibilidades e que podem e devem estar presentes no cotidiano escolar de forma inter etransdisciplinar.

A matemática precisa estar em harmonia e sintonizar-se com os afazeres do cotidiano dos alunos. Ela não pode estar "morta", e nem vista como um produto acabado e nem tampouco finalizado, sendo inutilizada enquanto existirem pessoas. Precisa, portanto, estar "viva", sendo utilizada em nosso meio de convívio educacional e social, reconhecendo

que ela é fruto das ações do homem sobre a natureza, e como tal deve voltar à natureza de forma sensibilizadora e conscientizadora, ensinando assim a ética do gênero humano, enquanto relações integradoras ser humano / sociedade / natureza. Portanto, busca-se uma mudança de paradigma que proporcione uma educação inclusiva, fazendo a integração entre as várias disciplinas do currículo, desenvolvendo uma metodologia que valorize a participação do educando nos processos de ensino e aprendizagem. (SANTOS,2016, p. 159 in. MATTOS (org.).

Este aspecto interdisciplinar revela-se fortemente neste trabalho de pesquisa, que buscou compreender a Etnomatemática elaborada por uma comunidade, buscamos elementos de sua história. Ou seja, com este exemplo compreendemos que não podemos separar o conhecimento, pois ele não possui os limites que estão estruturados em diferentes áreas de conhecimento. Portanto, nessas propostas você verá diferentes abordagens, que possuem sim um foco na educação matemática, mas que com ela podemos e devemos alcançar as diferentes áreas do conhecimento.

As propostas também não podem ser consideradas exclusivamente sobre Etnomatemática, até porque a Etnomatemática é algo construído pelos agricultores em seu contexto e para que possamos levar esses saberes para a sala de aula, devemos primeiramente mostrar-nos dispostos a valorizar o que eles podem nos ensinar. Ou seja, não ousamos dizer que as atividades a seguir referem-se somente

à Etnomatemática, pois a Etnomatemática é produzida no seio da comunidade e esses conhecimentos são justamente os que não possuímos e precisamos aprender com os agricultores. Valorizar suas práticas e sobretudo instigar nos alunos a uma atividade de pesquisa, para que eles procurem entender como os processos Etnomatemáticos ocorrem no dia-a-dia da comunidade e assim levarem esses conhecimentos para seu cotidiano.

Assim, as propostas a seguir buscam sobretudo que os alunos construam por si só, diante de seu contexto uma atitude científica, ou seja, investigativa. Que desta forma os alunos possam valorizar sua comunidade como fonte de uma cultura rica e singular e que construam um olhar acerca dessa cultura, colaborando para que a atividade rural possa ter uma continuidade, aliada aos processos de valorização do meio ambiente das construções da coletividade.

2. Histórico da Comunidade de Santa Isabel pelas vozes dos primeiros imigrantes Portugueses.

Memória e a Trajetória dos Primeiros Moradores

Primeiramente será abordada a questão do histórico e dos objetivos do produto dessas entrevistas. Ainda no ano de 2005, na graduação em pedagogia, as visões acerca do currículo escolar e mais explicitamente sobre o que, como, para quem e por que ensinar suscitaram alguns questionamentos a respeito do sistema educativo. Foram objetos de reflexão quais os objetivos de trabalho em educação e quais as competências necessárias ao professor pensar acerca de seu papel no contexto escolar. Desta forma, refletir sobre o contexto do educando e os objetivos reais da aprendizagem tornam-se fundamentais.

Portanto, quando elaboramos uma situação-problema, é fundamental saber para quem ela está sendo proposta, saber quem é essa pessoa, o que pensamos dela, o que queremos para ela, o que estamos preparando-lhe, o que lhe desejamos, o que queremos dizer-lhe. (PERRENOUD, 2007, p.117).

Nesta perspectiva, refletindo sobre o contexto dos materiais didáticos, especificamente sobre os livros didáticos, foi percebido que muitas vezes esses materiais colocavam-se mais como um problema para o cotidiano escolar do que propriamente como uma solução. Com visões estereotipadas, fragmentadas e longe da realidade dos alunos, por vezes não

atendiam a um pressuposto educativo importante: trazer a cultura e os saberes dos alunos para o cotidiano escolar. Para Freire (2014, p.20) "Assim, como não há homem sem mundo, nem mundo sem homem, não pode haver reflexão e ação fora da relação homem-realidade".

Sendo assim, como proposta de trabalho para trazer essa "realidade" ao contexto escolar, seria a construção de um livro didático para uma escola local, abarcando os pressupostos interdisciplinares de aprendizagem, bem como a identidade comunitária. O que se revelou em uma tarefa desafiadora, mas muito gratificante. Para esta atividade foi escolhida a comunidade agrícola de Santa Isabel, em Petrópolis. Um dos pressupostos desse processo de construção do livro seria a abordagem da história do local, no entanto, não foi encontrado nenhum documento oficial que mencionasse o histórico, nem mesmo na biblioteca municipal da cidade, que contém os documentos históricos de sua construção.

De fato a escolha desta comunidade revelou-se um desafio, tratando-se de uma das áreas agrícolas da cidade, um pouco afastada do Centro urbano e que ainda encontrava-se à margem em relação a alguns direitos e acessos para o pleno desenvolvimento de sua autonomia e cidadania. O transporte público para a localidade ainda era muito precário, não há até hoje rede de telefonia móvel, as estradas são de difícil acesso, entre outras condições. Para o atendimento à população, há somente um postinho de saúde e uma escola municipal, que até então atendia apenas ao primeiro segmento do Ensino Fundamental.

Para dar conta da demanda de desvendar essa história,

foram entrevistados alguns dos antigos moradores que auxiliaram neste processo. Uma das entrevistas mais valiosas foi a da minha avó, Lucília, atualmente falecida. Na época em questão, no ano de 2005 conseguiu ser uma das mais importantes fontes da construção deste processo histórico. A gratidão a este primeiro livro, construído há mais de quinze anos atrás é sem dúvida eternizar essas histórias, que foram de fato muito sofridas, mas que também resguardam-se cheias de afeto e lindas memórias.

Para assim dar continuidade a este processo de pesquisa, agora no Mestrado, que pressupõe a construção de produtos educacionais, o resgate desta história foi planejado vislumbrando revelar a esta comunidade sua trajetória, para que não fique tão somente registrado em um processo de pesquisa com finalidade meramente acadêmica e científica, mas que possa tornar-se parte do contexto educativo. Visando sobretudo revelar aos alunos a importância de suas raízes e das mãos que construíram o percurso das atividades do campo presentes nesse contexto até hoje.

Esses dados iniciais foram muito importantes para a opção por este tipo de produtos educacionais, visto que atualmente ainda não há um registro oficial histórico desta comunidade e muitos de seus primeiros moradores já faleceram. Cabe portanto a importância do levantamento desses dados, visando que esta história possa ainda ser ouvida e tenha espaço no ambiente escolar.

A sabedoria parte da ignorância. Não há ignorantes absolutos. Se num grupo de camponeses conversarmos sobre colheitas, devemos ficar atentos para a possibilidade de eles saberes muito mais que nós.

Se eles sabem selar um cavalo e sabem quando vai chover, se sabem semear, etc., não podem ser ignorantes (...), o que lhes falta é saber sistematizado. (FREIRE, 2014, p.35).

Assim, na continuidade desta pesquisa para a construção do livro, foram realizadas mais cinco entrevistas, que puderam complementar e ainda validar a história obtida por outros quatro moradores no primeiro momento.

O objetivo das entrevistas foi contemplar os primórdios da localidade, trazendo o histórico de sua chegada e estruturação do trabalho do campo, com a finalidade de obter dados sobre sua construção e do trabalho rural e das atividades analisadas em perspectivas Etnomatemáticas neste contexto. Para atender a esta demanda, foi realizada uma pesquisa semi-estruturada. No entanto, esses questionamentos, realizados por meio de uma entrevista gravada com a autorização dos participantes, revelou-se apenas como um roteiro inicial para que se investigasse o foco principal do objeto. Sendo cabível destacar que os entrevistados puderam também esmerilar livremente suas recordações e emoções contidas nos relatos de suas vidas. Apoiando-se nas reflexões de Ludke e André (1986):

Será preferível e mesmo aconselhável o uso de um roteiro que guie a entrevista através dos tópicos principais a serem cobertos. Esse roteiro seguirá naturalmente uma certa ordem lógica e também psicológica, isto é, cuidará para que haja uma sequência lógica entre os assuntos, dos mais simples aos mais complexos, respeitando o sentido do seu encadeamento. Mas atentar-se também para as exigências psicológicas do processo,

evitando saltos bruscos entre as questões, permitindo que elas se aprofundem no assunto gradativamente e impedindo que questões complexas e de maior envolvimento pessoal, colocadas prematuramente, acabem por bloquear as respostas às questões seguintes. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.35)

Os dados das entrevistas gravadas foram posteriormente retomados na transcrição das mesmas no processo de pesquisa, buscando analisar todos os pontos e interfaces abordados. Sabendo-se que:

É indispensável que o entrevistador disponha de tempo, logo depois de finda a entrevista, para preencher os claros deixados nas anotações, enquanto a memória ainda está quente. Se deixar passar muito tempo, certamente será traído por ela, perdendo aspectos importantes da entrevista que lhe custou tanto esforço. (LUDKE; ANDRÉ, 1989, p. 36).

Assim o processo das entrevistas necessitou de tempo, tanto para sua realização, quanto para a transcrição e análise detalhadas. Desta forma, foi possível compreender os processos de construção da história da comunidade contidas nos produtos educacionais.

As entrevistas e o processo histórico da imigração portuguesa para o Brasil

As entrevistas foram realizadas no primeiro semestre de 2020. Por se tratarem do contato com pessoas idosas, foram respeitadas as medidas necessárias de distanciamento, e os locais para a gravação foram em área externa e bastante arejados. A pesquisadora também teve o cuidado de manter-se em isolamento social de quinze dias antes de cada entrevista, somente começando uma nova após serem resguardos mais quinze. Este tempo mostrou-se cuidadoso e também necessário devido ao roteiro estruturado em Bardin (2016), visando a transcrição e análise detalhadas de cada uma delas. Não houve aproximação ou contato físico com os entrevistados, o que para eles demonstrou-se algo novo, sempre iniciando a cada entrevista explicitando a necessidade de distanciamento, bem como da conversa em área externa e com uso de máscara e álcool, devido às medidas de prevenção contra a covid-19.

A organização e as análises dos dados obtidos nas entrevistas seguiram os processos descritos na análise do conteúdo (BARDIN, 2016). As entrevistas semiestruturadas, possibilitaram aos protagonistas o espaço de fala, mas contavam com uma estrutura que possibilitasse a obtenção dos dados pertinentes relacionados à pesquisa. Todas as entrevistas foram transcritas integralmente (BARDIN, 2016), incluindo não só a fala dos inquiridos, mas também suas expressões, emoções e inquietações.

Lidamos então com uma fala relativamente espontânea, com um discurso falado, de que

uma pessoa - o entrevistado - orquestra mais ou menos à sua vontade. Encenação livre daquilo que esta pessoa viveu, sentiu e pensou a propósito de alguma coisa. A subjetividade está muito presente: uma pessoa fala. Diz "Eu", com o seu próprio sistema de pensamentos, os seus processos cognitivos, os seus sistemas de valores e de representações, as suas emoções, a sua afetividade e a afloração do seu inconsciente. E ao dizer "Eu", mesmo que esteja falando de outra pessoa ou de outra coisa, explora, por vezes às apalpadelas, certa realidade que se insinua por meio do "estreito desfiladeiro da linguagem", da sua linguagem, porque cada pessoa serve-se de seus meios de expressão para descrever acontecimentos, práticas, crenças, episódios passados, juízos. (BARDIN, 2016, p.93)

A formulação do discurso na análise do material obtido com as entrevistas seguiu o questionamento "como utilizar a singularidade individual para alcançar o social?". (BARDIN, 2016, p.94). Assim foram seguidos os seguintes passos (BARDIN, 2016): a decifração estrutural, quando o pesquisador procura realizar uma aproximação psicológica e busca colocar-se no lugar do entrevistado, ou uma "imersão no subjetivo do outro" (BARDIN, 2016, p.96). Nesta perspectiva, destaca-se o esforço que deve ser realizado pelo entrevistador, que precisa submergir no universo desta entrevista, enquanto não pode se deixar desviar por aquilo que já ouviu em outra. Em contraponto deve-se atentar que o entendimento propiciado pelas informações anteriores também coloca-se como um ponto importante para observar o

que se segue, privilegiando-se da ciência de tais informações.

Este amadurecimento de imersão no discurso prepara para o segundo ponto: a "transversalidade temática" (BARDIN, 2016, p. 96), que pressupõe observar o que se manifesta presente de forma geral nos discursos observados. Encontrase aí o ponto chave, ou seja, neste caso, da construção de uma história coletiva, por meio da história individual levantada por cada sujeito, mostra-se portanto que a história se segue, ou se repete, temos aí a história de um grupo, de uma comunidade.

No início de cada entrevista era realizada a explanação sobre os objetivos do levantamento da história da comunidade para a realização do livro para a escola. Todos se mostraram muitocuriosos e impressionados com o fato, até mesmo porque todos os primeiros moradores selecionados tiveram filhos e netos que estudam ou que estudaram na referida escola. Mostraram-se muito dispostos a ajudar e caracterizaram ainiciativa como inovadora.

Também buscou-se elucidar alguns pontos que fariam parte da entrevista, como os aspectos Etnomatemáticos presentes na construção da atividade da agricultura, que sempre foi a atividade vivenciada pela prática de trabalho dos entrevistados. Buscando revelar em uma linguagem próxima de seu contexto que o conhecimento trazido por eles é riquíssimo e que não é somente no ambiente escolar o único local de construção do conhecimento, todos sem exceção mostraram-se muito surpresos e motivados a revelar no que poderiam ajudar no processo de pesquisa.

As entrevistas inicialmente foram feitas com dois casais, em ambos o marido tinha vindo de Portugal para o

Brasil e a esposa era filha de portugueses, ou seja, seus pais já haviam chegado na comunidade há mais tempo, portanto elas também puderam contribuir bastante com suas impressões sobre esse processo migratório. O casal número 1 tinha respectivamente (78 homem e 68 mulher), casal número 2 (88 homem e 78 mulher). Por serem pessoas idosas por vezes não compreendiam algumas colocações, por isso foi importante gravar a entrevista juntos e possibilitar que um ajudasse ao outro em alguns momentos.

Para a última entrevista foi escolhido um filho de um casal português (ambos falecidos), de 71 anos, pois havia alguns aspectos que ainda era necessário elucidar, principalmente no tocante a organização geográfica do bairro, a chegada da escola, entre outros aspectos que os casais com idade adiantada por vezes não lembravam. Essa última pessoa escolhida sempre representou um papel de liderança diante da comunidade, conhecido por todos, também sempre conheceu bem as famílias, nasceu e cresceu no local, assumindo durante sua vida uma postura política e identitária da comunidade na cidade.

As primeiras impressões trazidas pelos imigrantes portugueses eram de amor por sua terra, mas as lembranças sobre sua vinda para o Brasil em todos os casos era cercada de sofrimento em sua terra Natal. Nas falas é presente o sentimento de afetividade, mas a escassez e a fome são sentimentos duros e que chocaram durante as entrevistas. O mais velho entrevistado, Sr. "At" de 88 anos, que viera com 24 anos para cá, mesmo acometido dos primeiros sinais do Alzheimer, soube explicar perfeitamente o que vivia em Portugal, sua fala foi muito impressionante: *"Tinha hora do dia que era obrigado a trabalhar sem comer"*. Não só a fala dele

se modificou e comoveu, mas suas expressões mudaram, e ainda complementou: *"Sem comer. Carregava muito peso, nas companhias onde trabalhava. Muito peso"*.

Também vivenciavam o medo de conflitos em sua região Natal: *"Eu saí de lá com 19 anos, quase não consegui sair. Tinha que conseguir uma licença para sair. Se eu não saísse de lá, tinha que ir para Angola, para guerra."* (F)

Essas falas trouxeram uma necessidade muito importante: a de investigar os processos históricos ocorridos em Portugal, para vislumbrar compreender o contexto que os obrigava a sair de sua terra natal em uma viagem sofrida de navio que durava vários dias. Foi possível elucidar um pouco deste contexto em algumas pesquisas que remontam esse processo histórico. As falas dos entrevistados foram então relacionadas com alguns artigos e trabalhos que elucidam o contexto da época conforme descrito a seguir.

A análise relacionada às datas de nascimento dos entrevistados, bem como a idade de chegada ao Brasil, retomam as primeiras décadas do século XX, mais precisamente os anos de 1930, 1947, 1956, 1961. Cabe destacar que todos esses entrevistados recordam que já havia outros moradores portugueses na localidade, como parentes ou outros conhecidos que vieram primeiro, logo pode-se constatar que a história desta colonização iniciou-se antes daqueles compreendidos na pesquisa, correspondendo ao final do século XIX e início do século XX.

A historiadora Mariza MÜLLER em uma recente obra (2019) faz um paralelo entre a história de Petrópolis e a importância da contribuição da imigração portuguesa para o

desenvolvimento e colonização da cidade. Seu trabalho remonta que após o ano de 1843, data da fundação da cidade por D. Pedro II, esse processo de colonização com vistas ao desenvolvimento da cidade foi fortemente estimulado pelo jovem Imperador.

As décadas de 1850 e 1860 marcam a intensificação da imigração portuguesa com à chegada de um considerável contingente de trabalhadores braçais açorianos, para as obras da Estrada União e Indústria, assim como para a agricultura. Surgiram então novas e importantes comunidades portuguesas, como a dos floricultores do Caxambú – região que tem oficialmente o nome de Quarteirão Português – e as comunidades dos cafeicultores de Itaipava e Pedro do Rio, assim como à comunidade agro-pastoral de São José do Rio Preto, que tanto contribuíram para o progresso petropolitano. (MÜLLER, p. 26, 2019)

Neste contexto histórico a nova cidade em desenvolvimento revela-se como uma boa oportunidade para a comunidade agrícola portuguesa, que começa a se fundar no "Quarteirão Português" da cidade. Colonização que então se intensifica no final do século XIX e início do Século XX.

Constata-se pelos dados em tela que a emigração portuguesa arranca a partir de 1865, atingindo seu clímax no quinquênio 1901-1911, quando as saídas registradas oficialmente somaram 385 928 emigrantes que, somados às estimativas daqueles saídos clandestinamente, elevam-se a 439 046 indivíduos. Foi somente nas décadas

finais do século XIX que a emigração portuguesa alcançou o índice dos países considerados de emigração maciça, isto é, a taxa média de quatro emigrantes por cada mil habitantes. O volume total das saídas em todo o período atingiu dois milhões de pessoas, com uma média anual em torno de 25 mil. (ARRUDA, 2007, p.39)

É sobre este contexto de Portugal do início do século XX que iremos observar em algumas pesquisas. Para Menezes (1997), há de observar por um outro lócus o contexto migratório português no início do século. A imagem do português como exportador das riquezas do Brasil ou como possuidor de bens que vem para o Brasil com o objetivo de aumentar suas posses não condiz com a maior parte dos imigrantes que para cá vieram nas primeiras décadas do século passado. Muito pelo contrário, esses portugueses, geralmente de origem camponesa, eram fortemente marginalizados na sociedade portuguesa e continuaram sendo marginalizados mesmo no Brasil.

No processo de imigração em massa que marcou a virada do século, a proclamação e a consolidação da república brasileira corresponderam à terceira onda dos movimentos migratórios que do Velho Mundo atingiram a América. Esta onda, diferente das anteriores, caracterizou-se pelo êxodo em massa das áreas agrícolas da Europa mediterrânea, que então conhecia a acelerada desestruturação da comunidade camponesa tradicional. Na cidade do Rio de Janeiro, ela representou o afluxo predominante de indivíduos pobres

provenientes dos campos do norte e noroeste de Portugal, com destaque para o Minho, Douro e Trás-os-Monte. (MENEZES, 1997, p.72)

As localidades mencionadas na pesquisa de Menezes (1997), são exatamente as mencionadas pelos participantes desta pesquisa de campo. Os dados históricos retomam que ao instalar-se no Brasil, os imigrantes muitas vezes chegavam em condições de extrema miséria e na maioria das vezes nessa condição permaneciam. Com dificuldades para compreender os códigos da nova nação, principalmente em relação a organização urbana, cultural e com uma precária instrumentalização profissional, muitos desses imigrantes formaram um contingente de proletário miserável (MENEZES, p. 80, 1997).

Na maioria dos casos, a vinda para o Brasil era repleta de "esperanças além mar" (MENEZES, p. 82, 1997), principalmente devido as grandes dificuldades enfrentadas pela população camponesa em Portugal. Geralmente advindos no Norte Português, região que sofria com épocas de grande recessão, trazidas pelas condições climáticas nem sempre favoráveis à prática agrícola. As atividades do campo nas quais se dedicavam em terra Natal, geralmente eram somente para a sobrevivência familiar, sendo muitas vezes insuficientes para subsistência. Conforme entrevista de F: *"Lá não havia venda. Não tinha nem suficiente para nosso consumo. Todo mundo consumia, o que plantava, gastava."*

Os deslocamentos populacionais realizados pelos países europeus desenvolviam-se à custa de enormes sacrifícios em termos de recursos humanos, num período em que os índices de natalidade superavam

exiguamente os de mortalidade, permanentemente submetido ao espectro das crises periódicas de fome, fruto dos ciclos climáticos que assolavam as economias do “antigo tipo” e desencadeavam as pestes endêmicas. (ARRUDA, 2007, p.13)

Somava-se ainda às dificuldades, a falta de acesso a educação e à instrumentalização profissional. Grande parte dos primeiros moradores entrevistados era analfabeto, "68,1 por cento da população de Portugal eram ainda classificados como analfabetos pelo Censo de 1930" (ARRUDA, 2007). A grande maioria dos entrevistados sabia somente assinar o nome. Na entrevista do morador que chegou em 1961, houve a fala de que havia a necessidade de realizar um exame para a entrada no Brasil. Com as dificuldades da baixa instrução, era necessário pagar uma professora para ajudar a aferir um diploma. Para tanto, era necessário saber assinar o nome, o que para alguns ainda mostrou-se uma atividade difícil.

No entanto cabe um adendo importante, visto que todos possuíam habilidades para realizar operações financeiras ligadas à comercialização de seus produtos e contabilização dos mesmos. Comprovando novamente que a Etnomatemática está presente em suas construções e em seu contexto nas atividades agrícolas. Sobre essa facilidade na apropriação do conhecimento lógico matemático, foi levantado nas entrevistas:

"O "At" não sabe nem ler nem escrever, ele faz, se você começar a falar uma conta assim, ele vai e diz "Ah, é tanto!". Ele faz assim mais rápido que o cara na máquina. Ele não precisa de nada, calculadora. Ele fala: "Isso aqui dá tanto". E você vai ver, tá certo."
(F)

Voltando-nos ao cenário português destaca-se a pesquisas de Ferreira (2007), que buscou elucidar os contextos de como se dava a relação de migração entre Brasil e Portugal, no final do século XIX e início do século XX. Destaca-se que após a independência, em 1822, ambos os países mantiveram uma relação amigável, principalmente devido as questões territoriais e comerciais em comum. Após este período, o processo de imigração correspondeu ao maior alvo das relações bilaterais entre os dois países. (FERREIRA, 2007).

Após a implantação da República em Portugal, no ano de 1910, o país vivia um tenso momento político e estrutural e ainda encontrava-se fora do intenso processo de industrialização que mobilizava a Europa. Sua enorme massa populacional dedicava-se às atividades do campo e viviam sob condições de extrema miséria. Enquanto que o discurso político português fundava-se em garantir a territorialidade de suas colônias, ao passo que estimulava narrativa nacionalista portuguesa, tanto no cenário nacional, quanto internacional. Este discurso visava afirmar uma notória "vocação colonizadora" de Portugal. Assim, o el quio se assentava no sentido de defender a "pátria portuguesa e suas col nias". Esse discurso tentava empreender uma "identidade lusófona", no país e em seus domínios (FERREIRA, 2017). Desta forma, Portugal visava empreender essa identidade frente aos outros países da Europa, almejando revelar uma capacidade de interlocu o com os países colonizados (FERREIRA, 2017).

Até os anos 1930, o Brasil foi a destina o preferida de uma importante emigra o portuguesa. Mais de um milhão de portugueses partiram para o Brasil entre

1889 e 1930. Longe de constituir um grupo homogêneo e unido, a colônia portuguesa se caracterizou por numerosas divisões econômicas, sociais e políticas. (FERREIRA, 2017, p. 3)

O estímulo a imigração portuguesa para o Brasil se dá neste cenário, quando Portugal também vivia dificuldades para conseguir manter suas colônias na África, no final do século XIX e início do século XX (FERREIRA, 2017). O discurso do "medo da guerra", empreendido na fala dos imigrantes nas entrevistas realizadas nesta pesquisa se justificam esse contexto. Com idade certa para o serviço militar, muitos eram encaminhados para outros países, precisando enveredar-se na linha de frente do combate, visando a proteção do território português. Outros ainda, precisavam trabalhar mesmo em seu país à serviço da "guerra", desbravando as minas, em busca dos minérios necessários à produção do material bélico. Era um cenário de notório medo e sofrimento e a solução para muitos era aventurar-se nas terras brasileiras.

Sem os meios básicos de subsistência, emigravam indivíduos ou famílias inteiras. Motivações políticas somavam-se às econômicas insuflando o êxodo. Perseguições políticas, falta de liberdade de expressão e, sobretudo, a obrigatoriedade do serviço militar por longos seis a sete anos, que estimulava as famílias a preferirem investir na compra de uma passagem que levasse seus filhos para a segurança no estrangeiro, com a vantagem suplementar do retorno monetário representado pelas remessas de seus

parentes emigrados. (ARRUDA, 2007, p.33)

Em relação ao contexto brasileiro, este relacionamento imigratório foi fortemente estimulado no governo de Getúlio Vargas (1930 - 1945). Este incentivo mostrou ser um importante veículo da imigração para o país e sobretudo para o Rio de Janeiro. Parte desse contingente de portugueses de origem camponesa, visando continuar suas atividades do campo, instalou-se então no município de Petrópolis.

O Conselho de Imigração e Colonização, em sua reunião de ontem, presidida pelo Cônsul João Carlos Muniz, sob sugestão do Sr. Luiz Betim Paes Leme, aprovou unanimemente, com a presença de todos os seus membros, uma resolução considerando os portugueses para os efeitos do decreto nº 3010, excluídos de qualquer restrição numérica quanto às suas entradas no território nacional. (MÜLLER, p. 39, 2019)

Na Figura 1 temos uma reportagem sobre a imigração Portuguesa em Petrópolis:

Figura 1: Jornal Tribuna de Petrópolis 15/04/1939:



Fonte: MÜLLER, Mariza. Os Portugueses na Formação de Petrópolis (1836-2018). Edição do Kindle.

Estatística iniciada em 1925 no intuito de exprimir o número de portugueses em Petrópolis através do Registro Consular e das Associações Portuguesas em Petrópolis. Em cifras redondas, estima-se que a Colônia Portuguesa em Petrópolis nesse período seja de 2.000 a 2.200 cidadãos de ambos os sexos. (AGUIAR, 1940 *apud* MÜLLER, 2019, p.44)

Neste contexto histórico excludente se dava a fragilidade dos agricultores camponeses em Portugal, que necessitavam vislumbrar novas oportunidades nas terras

brasileiras. Assim, assentou-se além de outras comunidades, o "Quarteirão Português" na localidade do Caxambu em Petrópolis, que posteriormente se chamará de Santa Isabel devido a esta influência portuguesa.

Pelos relatos coletados nas entrevistas, a localidade do Santa Isabel tratava-se de uma grande fazenda, os donos de grande parte das terras foram elencados nas entrevistas como a Família De Lamare, a Beneficência Portuguesa, entre outros. A família De Lamare construiu uma casa luxuosa de veraneio no ponto central do local, visto que pelos relatos, ele e sua família moravam na cidade do Rio de Janeiro. Também ao lado de sua casa, possuíam uma plantação de verduras que ficava sob os cuidados de outros moradores que eram seus empregados.

Foi esse dono das terras quem doou o terreno ao lado da sua casa para a construção da Igreja e da escola pública do local. O primeiro nome da escola foi "Joaquim Nabuco". Antes da existência da escola, para se obter alguma instrução mínima (para alguns, somente saber assinar o nome), os moradores necessitavam pagar uma professora particular na região. Segundo os relatos, ela tinha muitos alunos e ensinava em casa. No entanto essa instrução era a nível muito simples, visto que muitos ainda saíam deste nível de instrução ainda analfabetos.

Com o passar dos anos, os donos das terras, foram vendendo alguns sítios para os imigrantes que vinham a procura de emprego na localidade. Outros ainda, chegavam e se assentavam no local, o que anos após foi impelido com violência para aqueles que não conseguiam pagar. Segundo os relatos das entrevistas, famílias inteiras eram expulsas por

não conseguirem pagar por seus lotes, inclusive tinham suas casas simples de pau-a-pique derrubadas. Relatos que chocaram alguns dos moradores remontam que famílias com várias crianças ficavam sem casa e até animais e seus alimentos eram jogados na rua. O relato ligado a esta retirada violenta dos moradores não é preciso a respeito de quem mandou fazê-lo. Em uma entrevista foram mencionados diversos nomes e em outra o nome do dono das terras, sendo assim não é possível precisar ao certo se são funcionários ou proprietários dos terrenos e quais os donos das terras no momento das expulsões.

Os que conseguiam os valores para pagamento dos sítios, os pagavam em parcelas para conseguirem obter as terras para sua moradia e trabalho. Aqueles que não conseguiam, precisavam procurar outras localidades para viver.

Segundo os relatos da página oficial do *Facebook* da Igreja de Santa Isabel:

A Igreja de Santa Isabel no Caxambu foi fundada graças aos portugueses que aqui viveram. Em 14 de Setembro de 1947 foi lançada a Pedra Fundamental da futura Capela de Santa Isabel, com Missa no terreno e a primeira Grande Festa. A Capela foi construída a partir desta data. Foi escolhida como padroeira Santa Isabel, pois ali moravam muitos portugueses que começavam a povoar o bairro e tinham grande admiração por Santa Isabel que foi Rainha de Portugal.

Os moradores possuem um vínculo muito grande com a Igreja, que é um local construído por eles. Porém revela-se para além de um vínculo religioso, mas também cultural, visto

que suas dependências são um lugar central da comunidade, onde os moradores realizam algumas reuniões e também anualmente a festa de Santa Isabel. Os relatos nas entrevistas sobre a biografia de Santa Isabel retomam que ela levava donativos e comida aos pobres, visto que desde criança dedicava-se às orações e ao cuidado com o próximo. No entanto mesmo com a vontade de seguir a trajetória religiosa sua família a obrigou casar com o herdeiro do trono de Portugal. Alguns dos milagres da Santa contam que ela levava os donativos para os pobres escondidos em seu manto e ao ser surpreendida pelo Rei era obrigada a mostrar o que levava, as doações misteriosamente transformavam-se em rosas. Essa é história do milagre contada pelos moradores.

Sobre os aspectos geográficos da formação da comunidade, que possui subdivisões nomeadas pelos próprios habitantes locais, as ruas até hoje não possuem placas ou acesso ao correio, que chega apenas em um ponto central. Foi obtida a informação de que essas subdivisões territoriais foram dadas pelos próprios moradores e observando-se as paisagens locais, percebe-se que os nomes foram influenciados geralmente de acordo com alguma característica do terreno. São alguns nomes: Três Pedras (região com grandes pedras e montanhas). Mato Banco (no caminho há bastante vegetação) Barro Alto (região muito alta e difícil de subir, apenas obteve asfaltamento recentemente, por iniciativa dos próprios moradores). Represa (localização da represa que abastece boa parte do Município). Outros lugares são ainda chamados pelos nomes de famílias que habitam. Geralmente as localidades são de conhecimento das pessoas em geral da comunidade e é a forma peculiar com a qual se localizam. Nas entrevistas foi possível coletar que essas áreas

foram subdividas com a chegada de famílias que se instalavam nas localidades, comprando dos terrenos e trazendo ainda outros conterrâneos, amigos ou parentes.

Ao se instalarem aqui os primeiros moradores iniciaram o trabalho nas lavouras, assim como já haviam aprendido sobre o plantio em Portugal. A cultura principal da região eram flores de diversos tipos. As flores eram transportadas e vendidas no Rio de Janeiro e na Baixada Fluminense. Os moradores chegaram a transportar suas mercadorias pela linha de trem da cidade (extinta no ano de 1964), ou por caminhões. Os moradores chegaram a montar uma cooperativa para esse transporte de forma comunitária, mas algumas dificuldades impediram sua continuidade. Sendo assim, outros moradores montaram uma transportadora particular para levar a grande quantidade de mercadorias.

Com o passar dos tempos, o comércio de flores foi perdendo o espaço para o cultivo em outras localidades (menciona-se nas entrevistas a cidade de Nova Friburgo) ou até mesmo para a diminuição expressiva no consumo das flores. Ainda mostrou-se no relato que com o dinheiro advindo do comércio das flores plantadas na região foi erguido o mercado da CADEG no Rio de Janeiro, porém o local se tornou atualmente um reduto impossível de manter-se com a agricultura familiar, com altos valores para compra de pontos e aluguéis, essa prática revela-se como mais uma face excludente para aqueles que desejam vender suas mercadorias. Segundo os relatos dos entrevistados é uma verdadeira "máfia" que controla os pontos e coordena o mercado, impossibilitando cada vez mais a subsistência dos produtores que ainda vendem lá.

Com essas dificuldades para comercializar as flores, a região passa a mudar seu cultivo para as hortaliças, que são vendidas em municípios do Rio de Janeiro nos "sacólões volantes" ou nas feiras livres da Baixada Fluminense e até mesmo nas feiras e comércio da cidade de Petrópolis. Atualmente o cultivo das flores ainda resiste, mas é menor e a região sobressai como uma das maiores fornecedoras de hortaliças na cidade de Petrópolis e municípios vizinhos.

Nos relatos dos antigos agricultores revelam-se as dificuldades para o plantio na região, que é altamente acidentada e montanhosa. Revela-se uma atividade árdua, mas sobre a qual demonstram grande domínio e propriedade. Destacam também as dificuldades sobre a falta de apoio governamental e estrutural para a continuidade da atividade agrícola familiar, que é a fonte principal de renda e subsistência das pessoas da região.

Concluimos esta parte importante e histórica do trabalho com a sensação de que sem dúvida esses relatos merecem ser de conhecimento de toda a comunidade. Além de ouvir as vozes que fundaram a comunidade, relacioná-las com o aporte de importantes pesquisas na área enriqueceu e emparelhou lado a lado a história vivida com a estudada por tantos importantes pesquisadores da história do Brasil. Ferreira (2007) adverte que o resgate da história da verdadeira colonização portuguesa no Brasil é de fato um trabalho que deve ser ampliado, tendo em vista que ainda são poucos os relatos históricos desta imigração, que apesar dos números expressivos de pessoas, a história ainda é contada por uma viés que a elite imigratória portuguesa vislumbrou fomentar a respeito do colono português:

"Sob a influência de diversos fatores – o fato de Portugal ser o país ex-colonizador, uma presença importante de portugueses no comércio, a chegada maciça de uma imigração rural pobre, uma corrente nacionalista brasileira anti-lusitana – a imagem dos portugueses no Brasil é bastante desvalorizada: a imagem do comerciante rico, que enriquece em detrimento do brasileiro, se alternava com a imagem do pobre trabalhador analfabeto, inculto e oriundo de uma comunidade portuguesa muito dividida politicamente. A elite portuguesa esforçou-se para corrigir essa imagem. Ela opôs à imagem do imigrante inculto e parasita a imagem de um trabalhador obediente e apolítico e dedicou-se a mostrar que o imigrante português é "honesto, trabalhador, sóbrio, ordeiro, tolerante, arrojado e caritativo", e, portanto, bem diferente dos numerosos excluídos sociais, que se encontravam nas ruas das grandes cidades. A elite portuguesa no Brasil veicula em particular a ideia de que o português não é um imigrante como os outros, que os portugueses não são estrangeiros no Brasil, pois portugueses e brasileiros são ligados pela história, pela raça, pela língua e pela fé religiosa. A contribuição da imigração portuguesa é valorizada como um elemento positivo para o Brasil e para o povo brasileiro, que evitaria, assim, uma "desnacionalização" da sua cultura, ameaçada pela imigração de povos de raça, de língua, de tradição ou de religião diferentes. (...)

Ao contrário da imigração italiana, alemã ou japonesa, bibliografia sobre a imigração portuguesa no Brasil é muito pobre, em particular sobre o seu lugar e o seu papel na sociedade brasileira. A historiografia sobre esse tema foi, durante muito tempo, limitada aos livros escritos por portugueses, há mais de 50 anos, com o objetivo de valorizar a presença e a ação da imigração portuguesa no Brasil. (FERREIRA, 2007, p. 7)"

Assim, entende-se que uma elite portuguesa buscando manter seus privilégios coloniais, buscou transformar a trajetória de alguns na história de toda uma imigração, o que deturpou e ainda invisibilizou a história dos demais. Esses, que sem dúvida foram marginalizadas em suas terras e continuaram à margem mesmo no Brasil precisam ter suas histórias de lutas e conquistas de fato contadas e resgatas por

um viés histórico, social, crítico e político. Corroborando com Menezes (1997, p. 77):

Consideradas as questões destacadas, impõe-se como conclusão que qualquer estudo sobre a imigração estará incompleto se contemplar apenas a história vista de cima, ou seja, a história dos sucessos escritos sob as luzes da modernidade. Além das vitórias cantadas em prosa e verso pelos que voltaram ricos à terra natal, ou pelos que fixaram-se na nova terra como proprietários, é necessário que, virado o processo pelo avesso, seja contemplada uma história vista de baixo, capaz de dar visibilidade aos bastidores.

A história contada pelos primeiros moradores revelou portanto, que a vinda para o Brasil configurou-se como uma importante página de suas próprias histórias. Apesar da constante saudade dos familiares que ficaram e das suas raízes das terras portuguesas, a realidade das dificuldades na vida os acompanhou rumo ao Brasil em suas atividades no contexto do campo. No entanto, a grande escassez vivida em suas infâncias, principalmente as que geravam a fome e os aproximava das mazelas do confronto na guerra, não estavam presentes nas terras brasileiras, onde essas pessoas puderam então vislumbrar um futuro melhor para si e para suas famílias, pelo menos no tocante a uma maior segurança alimentar, conforme destacado nas entrevistas.

Esta é a realidade histórica que se pretende mostrar no contexto das instituições da comunidade, fomentando uma construção identitária local e a valorização de suas raízes culturais.

Sendo portanto esses fatos fundamentais para a elucidação dos aspectos estruturais sobre a construção da comunidade, que serviram de embasamento para a construção dos Produtos Educacionais que elucidam o histórico da comunidade.

3. Propostas de Trabalhos para Valorização da História e os Saberes da Comunidade.

1 . Nossa História

A primeira proposta de atividade está contida no livro **"Luci em... Nossa história - De Portugal a Comunidade de Santa Isabel, um mundo novo de descobertas"**. Neste livro, a personagem da menina conta a história da sua chegada na localidade e a construção da comunidade pelo olhar dos imigrantes portugueses que aqui se instalaram e dedicaram-se à atividade agrícola.

Ao final do livro, a menina propõe que as crianças busquem também suas raízes e as histórias de suas famílias. Esta atividade por si só já é muito interessante e gerará diferentes abordagens de construção do conhecimento.

Sabemos que a colonização portuguesa foi uma das maiores e mais populosas na região, porém outros povos, com raízes históricas diferentes também fazem parte da nossa comunidade. Portanto, é sobre a história de cada aluno que vislumbramos investigar com essa atividade.

- Início da Dinâmica: Proposição de Trabalho - ouvir a música "Bolacha de Água e Sal" do grupo Palavra Cantada:

Letra - Bolacha de Água e Sal (Palavra cantada):

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PuQPMnQfkZ8>

*"Gosto quando vou brincar na rua
Gosto quando encontro meu amigo
Gosto quando a mãe do meu amigo
Me oferece uma bolacha
De água e sal*

*Gosto de bolacha sem açúcar
Gosto de bolacha sem recheio
Gosto de bolacha sem perfume
Gosto do que é normal
Uma bolacha de água e sal*

*É... uma coisa natural
É... barata e não faz mal
De qualquer marca
É tudo igual*

*Quando a gente está meio enjoado
Quando a gente está passando mal
Quando a gente fica aperreado
Bolacha de água e sal*

*Quando a minha avó era criança
Quando a vida era sempre igual
Lá na roça acordavam cedo
Pra comer bolacha de água e sal*

Quando o meu avô era criança

*Veio num navio de Portugal
A viagem ficou na lembrança
Só comiam bolacha de água e sal*

*O meu gosto é radical
Gosto porque é fundamental
Farinha, fermento, água e sal
Simplicidade, no trivial*

*Se um dia você for lá em casa
Pra brincar comigo no quintal
Vamos combinar um piquenique
Pra comer muita bolacha
De água e sal"*



- Observar os sentimentos e os saberes prévios que a letra da música traz para cada criança.

- Realizar registros, poemas e desenhos com as impressões dos alunos sobre a música.

Público Alvo:

- **Da educação infantil ao segundo segmento do Ensino Fundamental**



Atividades propostas:

- **Atenção:** Nessas atividades de investigação, cada professor deve montar um roteiro de acordo com as possibilidades de sua turma.
- Entrevistas com pessoas da família buscando entender suas raízes históricas.
- Construção da árvore genealógica de cada criança. (Enfocando: datas de nascimento, contexto histórico, realizando cálculos relacionados a idade dos familiares, entre outras possibilidades).
- Com o trabalho à partir da árvore genealógica, podemos observar com os alunos os diferentes tipos de árvore que fazem parte da vegetação do nosso bairro.

Podemos então catalogar os diferentes tipos observados por meio de registros matemáticos e geográficos. Ex: Onde encontramos mangueira, jaqueira (...). Desmembrar nas localidades do Bairro quantas vezes aproximadamente é encontrado os tipos de árvore.

Cada aluno também pode dizer quais tipos de pomares encontra perto de sua casa, quais frutas gostam,

trazendo para a escola para realizarem a degustação com o grupo.

Possibilidade de trabalho - Música "pomar" - Palavra cantada - aborda os diferentes tipos de árvore e seus frutos. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=kfinwr3A9fg>

- Construir e jogar o jogo "árvore das operações matemáticas" com os alunos. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=eFIXswyOGTk>.

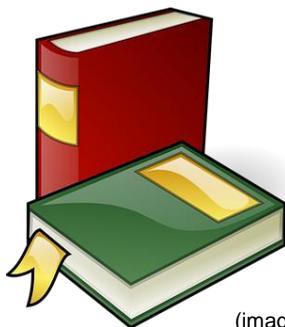
Pode-se trabalhar este jogo com dados, realizando as operações matemáticas, de acordo com a possibilidade de cada turma - desde a educação infantil.

- Construção de cartazes com fotos antigas e atuais das famílias da escola.
- Observação dos aspectos históricos com os materiais trazidos pelos alunos na pesquisa com suas famílias.
- Elaboração de gráficos matemáticos sobre as ancestralidades dos alunos trazidos pelos dados da pesquisa.

Ex: (Exemplo da Montagem de um Gráfico)



- Feira do conhecimento expando o material coletado com a pesquisa.
- Pesquisa individual sobre a família de cada aluno, sendo possível a construção de textos e registros. Até mesmo um livro sobre a família de cada aluno.



(imagem gratuita - pixabay.com)

- Pesquisa sobre a diferentes representações culturais trazidas pelos alunos.
Ex: Portugueses, africanos, brasileiros, etc.
- Pesquisa sobre a festa portuguesa do Santa Isabel, realizada na comunidade anualmente em julho.

Pesquisa fotográfica

Danças e comidas típicas

Folclore local e português

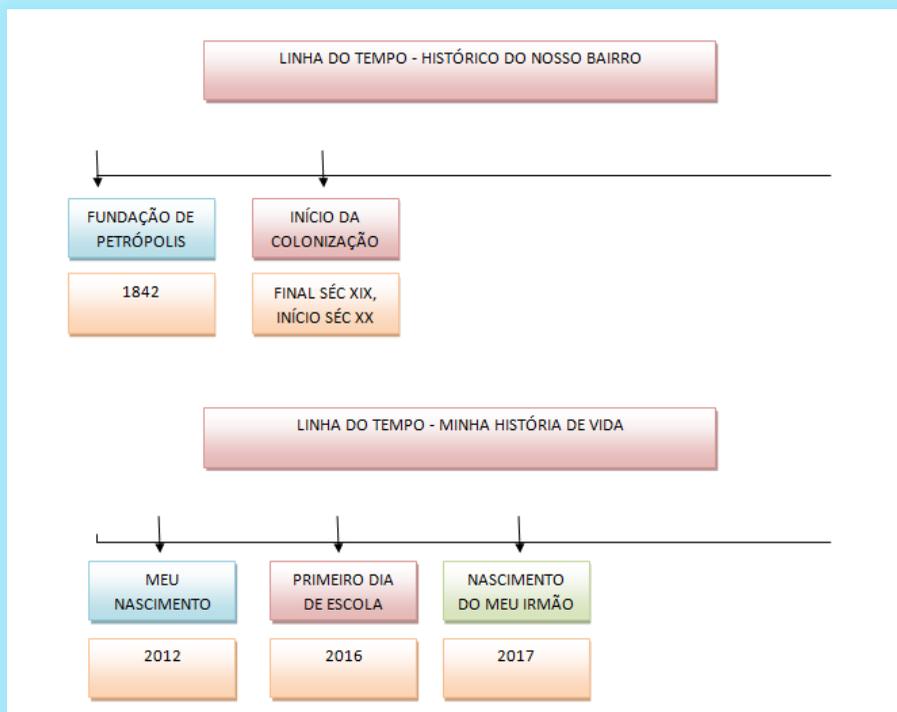
(Fotos da Festa e relatos sobre a Igreja)



(Imagens Facebook Igreja Santa Isabel)



- Montagem de uma linha do tempo com a história da comunidade montada no livro, fazendo um paralelo com a história da cidade e a própria história do aluno.



- Montagem da linha do tempo da vida de cada aluno, com a utilização de desenhos ou fotos e realizando a representação matemática conforme o ano e idade do aluno.
Nesse aspecto podemos trabalhar fortemente a identidade do aluno, os gostos preferências (de acordo com cada faixa etária até mesmo com desenhos, textos, etc).
- Nesta atividade podemos desmembrar também em um

trabalho sobre as famílias e sobre os diferentes grupos familiares existentes na sociedade.

- Trabalho a partir da observação sobre fotos e registros antigos e atuais sobre as famílias dos alunos, relacionado com a linha do tempo.



(Imagem cedida por família entrevistada no processo de pesquisa)

Nosso bairro se chama Caxambu, porém nesse mesmo bairro temos alguns nomes de divisão territorial dados pelos próprios moradores para diferenciar as grandes áreas da localidade. A primeira parte e mais próxima do Centro é denominada "Caxambu de Baixo", a parte central denomina-se "Lusitano", e a mais longe do Centro e onde se instalou a imigração portuguesa chama-se "Santa Isabel", devido ao nome da Padroeira da Igreja.

- Possibilidade de trabalho de pesquisa acerca da elaboração dessas diferentes denominações.

A palavra "Caxambu" tem etimologia discutida. Existem várias interpretações:

- teve origem do termo *catã-mbu*, que, no dialeto tupi dos antigos habitantes cataguás que habitavam a região, significa "água que borbulha" ou "bolhas a ferver".
- tem origem no termo tupi *kaxabu*, que significa "mandacaru";
- tem origem no termo de origem africana "caxambu", que designa:
 - um grande tambor;
 - um gênero musical;
 - um gênero de dança;
 - cartas que ficam viradas uma para outra no ato de embaralhar;
 - morro em forma de tambor" (Fonte: Wikipedia)

Vamos pesquisar e discutir sobre a influência das culturas africana e indígena presentes da nossa comunidade. Principalmente resgatar as figuras dos moradores que ajudaram na sua construção.

- Pode-se pesquisar sobre a dança Caxambu e reproduzi-la com os alunos.

2 . Aula passeio e visitação a uma plantação da comunidade

Visitação a algumas localidades da comunidade, observando e valorizando os aspectos da cultura local.

Público Alvo:

- **Da educação infantil ao segundo segmento do Ensino Fundamental**

Atividades durante a aula passeio e visitação à plantação:

- Observação dos aspectos observados.
- Levar um diário e/ou câmara fotográfica para realizar registros (à partir da Educação Infantil, que pode ser feito com desenhos, listas, textos, etc).

(Foto da Localidade Mato Banco)



- **Na plantação:**

Observação dos itens plantados.

Entrevista ao agricultor perguntando como se dá a distribuição dos canteiros e como acontece a distribuição das mudas para o plantio.

Perguntar o tempo do plantio à colheita.

Observar a disposição da área e como o agricultor organiza geometricamente os canteiros para o plantio.

Perguntar acerca dos cuidados com as diferentes culturas.

Entender o tempo que cada cultura leva desde o plantio até a colheita e realizar registros.

(Foto da Localidade Três Pedras)



- Observação das divisões geográficas da localidade (principalmente pelos nomes dados pelos próprios moradores - Mato Banco, Barro Alto, Represa, Três Pedras, Curva do Caixão).
- Pesquisar as origens dos nomes dados em cada espaço pelas crianças que moram em cada área.
- Montar um mapa da comunidade com os alunos, realizando o mapeamento de sua casa até a escola.

(Foto da Localidade Mato Banco)



Atividades posteriores na escola, à partir da experiência vivida na aula passeio:



Todas as turmas

- Registros diversos utilizando o material de trabalho obtido na visitação (desenho, texto individual e coletivo).
- Observação dos aspectos naturais e humanizados presentes nos contextos observados.
- Reflexão acerca das paisagens naturais das localidades e a importância da sua preservação.
- Registros acerca da disposição geométrica do plantio (como são plantados os canteiros, cada semente tem a mesma unidade geométrica no plantio, etc.)
- Proposta de medição da área externa da escola e distribuição geométrica em canteiros (pode ser feito com giz de quadro). Os alunos maiores podem replicar

suas experiências da visitação calculando os metros de um canteiro e replicando na área de estudos.

- Construção da noção de perímetro e área com pequenas placas de folhas de papel e registro sobre a multiplicação das placas de folha para o cálculo de uma área.
(Ex: com desenho).
- Construção da noção de multiplicação pela disposição de mudas em um canteiro Ex: quantas alfaces eu terei calculando as mudas na posição horizontal x vertical.



- Noções de quantidade, estimativa e proporção com o estudo de um canteiro. (Ex. de desafio: um canteiro de alface de 10 metros por 1 de diâmetro dará mais ou menos quantidade que um com as mesmas medidas de alho poró?)

Com todos os registros acerca da visita realizados

- Construção de uma horta na escola, onde os alunos possam aplicar os conhecimentos construídos com a aula passeio e cuidarem das culturas e seus canteiros.
- Elaboração de receitas com os produtos da horta dos alunos para utilização na merenda escolar.

Trabalho com as receitas: Registro das unidades de medidas e construção de textos.



Cálculo dos Custos de Produção da Atividade Agrícola

Nossa comunidade tem enfrentado dificuldades para a subsistência da atividade agrícola. Neste sentido, uma atividade de Educação Financeira pode ser um recurso de trabalho muito importante para que os alunos e a escola possam contribuir com um estudo acerca da precificação dos materiais utilizados para a produção agrícola.

Os saberes e reflexões organizados nesta proposta de trabalho, podem ser compartilhados com os responsáveis dos alunos e com o Conselho Escolar, buscando viabilizar uma reflexão coletiva na comunidade acerca dos custos de produção / custo de venda.



(imagem gratuita - pixabay.com)

3. Visitação à feira livre

Sabemos que os produtos produzidos pelos agricultores na região do Santa Isabel abastecem as feiras da nossa cidade e também de alguns municípios da Baixada Fluminense. Propomos então uma visitação a tradicional feira do Centro da Cidade.

(Imagens Google Fotos - Feira Petrópolis)



Público Alvo:

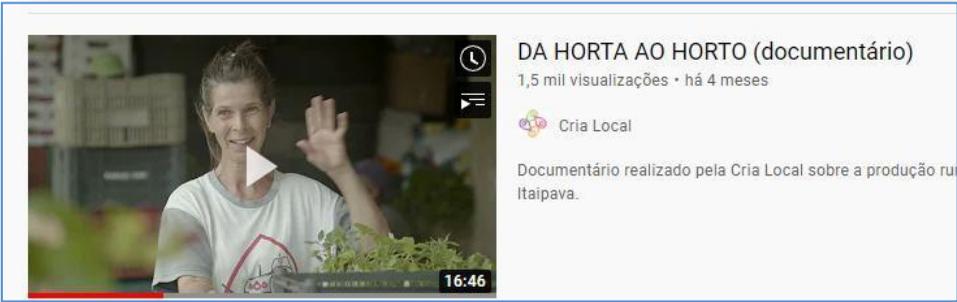
- Da educação infantil ao segundo segmento do Ensino Fundamental



Atividades durante a visitação à feira:

- Observação dos produtos vendidos;
- Os alunos à partir do segundo ano do ensino fundamental poderão levar um diário para realizarem anotações sobre suas observações;
- Observação das atividades de compra e venda;
- Análise de como os produtores trabalham com os cálculos matemáticos e como dão o troco;
- (Sugestão caso possível) - combinar com os produtores locais e/ou pais dos alunos a possibilidade de que cada aluno possa escolher um item para levar para casa de até dois reais. Exemplo: o aluno chega na feira com o crédito e pode observar com o valor que possui o que pode comprar. O aluno ainda precisará pensar se vai ganhar algum troco e quanto ganhará;
- Caso a proposta acima seja difícil, a turma pode ainda contar com um crédito próprio, por exemplo: 10 reais por turma para elaboração de uma receita coletiva. A turma deverá deliberar sobre o valor que possuem e como irão gastar, se receberão troco, etc.;
- Assistir ao documentário: "Da horta ao Horto" (Documentário da produtora Cria Local, que mostra o contexto de alguns agricultores da região do Santa Isabel).
- A partir das reflexões do documentário discutir com os alunos a importância da reflexão sobre as relações de produção e consumo.

https://www.youtube.com/watch?v=eQa2zh_dfr8



Atividades posteriores na escola, à partir da experiência vivida na feira:

- Registros diversos utilizando o material de trabalho obtido na feira;
- Construção de texto coletivo sobre o dia na feira;
- Elaboração de gráfico com as barracas observadas (quantas vendem hortaliças, quantas flores, quantas vendem legumes e frutas, etc.);
- Montagem de uma mini feira na escola, utilizando produtos trazidos pelos alunos ou sucatas para a brincadeira de comercialização / dar o troco / realizar cálculos diversos;
- Trabalho com o sistema monetário à partir da proposta da feira;
- Desenho sobre as observações realizadas no ambiente da feira;
- Educação Infantil e ciclo de alfabetização: Lista coletiva dos produtos comercializados na feira.

Com todos os registros acerca da feira realizados

- Pode-se organizar uma feira mensal na própria escola, em que os agricultores possam levar seus produtos e envolver a comunidade para um momento na escola.
- Pesquisa sobre as diferentes culturas na comunidade (convidar alguns produtores locais para trazerem para a escola seus produtos e explicar sobre o cultivo).

4. A Água no Nosso Bairro

Nossa comunidade é muito importante para toda a cidade, além de sua produção agrícola, também pelo abastecimento de água por meio da represa do Caxambu.



Entre Amambay São Patrício

Fotos da Represa no Caxambu - Fonte: Página **Sou Petrópolis**



Uma das dificuldades atuais na prática da agricultura é a escassez de água potável para o plantio em determinadas regiões do nosso bairro. O problema da falta de água é um problema global, a preservação ambiental é uma vertente muito importante para o trabalho pedagógico, que deve ser incorporada as discussões escolares.

Além da represa, nosso contexto natural possibilita a vinda de turistas para as cachoeiras e montanhas na nossa região. Cabe destacar que conscientizar esses visitantes da importância da preservação de nosso espaço é muito importante.

Algumas reportagens da página Sou Petrópolis sobre o circuito de Ecoturismo:

"<https://soupetropolis.com/?s=caxambu>"



LAZER

Roteiro para um relaxante passeio guiado pelo mirante e pela cachoeira do Caxambu

By [Sou Petrópolis](#) © 12/01/2021

Recentemente descobrimos que o Centro de Petrópolis dispõe de um mirante, o Flávio Cavalcanti, com vista...



TURISMO

Campos de flores viram atrativos turísticos em Petrópolis

By [Aline Rickly](#) © 28/09/2021

Produção fica no bairro Caxambu e tem atraído visitantes neste início da Primavera



LAZER

Prefeitura cria calendário de caminhadas ecológicas guiadas e gratuitas em Petrópolis

By [Sou Petrópolis](#) © 22/09/2021

Inscrições para a primeira caminhada, na trilha do Alto da Ventania, no Caxambu, abrem nesta...



Algumas Atividades Para Reflexão sobre a Temática:

- Como podemos fomentar junto a comunidade práticas de preservação ambiental e racionalização da água?
- Um projeto sobre as cachoeiras e reservatórios de água do bairro.
- Visita a uma plantação convencional e outra hidropônica da comunidade (comparação custo/benefício - pesquisa sobre os aspectos ambientais das duas culturas - pesquisa sobre a utilização da água nas duas culturas).
- Questões sobre a água na comunidade (represa que abastece parte da cidade / cálculo da quantidade de litros de água / período das secas / preservação da água e propostas de aproveitamento deste recurso natural).
- Trabalho sobre a importância da preservação do Solo - Questão das queimadas na comunidade (pesquisa sobre os problemas e riscos).
- Circuito de ecoturismo no bairro (relação com os visitantes / preservação dos recursos naturais / construção do mapa geográfico da comunidade).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Shirley Patricia Nogueira de Castro e. ANTUNES, Fabrício Mendes. Educação do Campo e Etnomatemática: Uma Articulação Possível? *Educação Matemática Debate*. Montes Claros (MG): V. 4, e202009, p. 1-23, 2020.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. *A Expansão Europeia Oitocentista: Emigração e Colonização*. Revista Educação e Sociedade - A Emigração Portuguesa para o Brasil. nº 14/15: CAPESE. Parte I / 2007.

BARDIN, Laurence. *Análise do Conteúdo*. Laurence Bardin: Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BASTOS, Glaucia Soares. BARONI, Patricia Raquel. Sobrevivência das Escolas-Pirilampo Como Forma de (Re)Existência. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.44, nº 3, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica*. Ministério da Educação. Brasília: MEC/SEF, 2013.

BRITO, Dejildo Roque. MATTOS, José Roberto Linhares de. Saberes Matemáticos de Agricultores. Mattos, José Linhanes de. (Org.). *Etnomatemática: Saberes do Campo*. Curitiba: CRV, 2016.

BRUNER, Jerome S. *Uma Nova Teoria da Aprendizagem*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

CARRAHER, David Willian. CARRAHER, Terezinha Nunes. SCHLIEMANN, Analúcia Dias. *Na Vida Dez, Na Escola Zero*. 11ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001

CALDART, R. S. Educação do Campo. In: *Dicionário da Educação do Campo*. (S.L.) Expressão Popular, 2012.

CARDOSO, Gracimar Dias. MADRUGA, Zulma Elizabete de Freitas. Etnomodelagem e o Extrativismo de Caranguejos: uma Proposta para a Introdução do Conceito de Função Linear. *Educação Matemática Debate*. Montes Claros (MG): V. 1, n. 3, set./dez. 2017.

D'AMBROSIO, Ubiratan. *Etnomatemática - Elo entre as Tradições e a Modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

D'AMBROSIO, Ubiratan. *Educação Matemática: da Teoria á Prática*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

D'AMBROSIO, Ubiratan. O Programa Etnomatemática: uma Síntese. Publicado em *Acta Scientiae*, v.10, n.1, jan./jun. 2008 *Cuadernos de Investigación y Formación en Educación Matemática*. 2021. Número especial. pp 109–117. Costa Rica.

DEMO, Pedro. *Pesquisa e Informação Qualitativa: Aportes Metodológicos*. Campinas, SP: Papirus, 2001.

FANTINATO, Maria Cecília Castello Branco. A Construção de Saberes Matemáticos entre Jovens e Adultos do Morro de São Carlos. *Revista Brasileira de Educação*. nº 27: Anped. Ed. Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro de 2004.

FERREIRA, Marie-Jo. *Os Portugueses do Brasil, atores das relações luso-brasileiras, fim do século XIX - início do século XX*. Entrevista concedida ao Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Em 06/11/2007. Disponível em: http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/quartas_no_arquivo/2007/palestra_MarieJoFerreira.pdf. Acesso em: Setembro de 2020.

FERREIRO, Emília. TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1985.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GIL, Antônio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1989.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 2008.

IMBERNÓN, Francisco. *Formação Docente e Profissional: Formar-se para a Mudança e Incerteza*. São Paulo: Cortez, 2001.

KNIJNIK, Gelsa. *A Escola Cidadã no Contexto da Globalização*. In: SILVA, Luiz Heron (org.). Petrópolis: Vozes: 1998.

KNIJNIK, Gelsa. A Ordem do Discurso da Matemática Escolar e Jogos de Linguagem e outras Formas de Vida. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Mato Grosso do Sul (UFMS)*. Vol. 10, nº 22, 2017.

LUDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. A. D. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Nilson José. Matemática e Língua Materna: Uma Aproximação Necessária. *Revista da Faculdade de Educação*. Jul/Dez: 1989.

MAIA, Barreto Gurgel, Madeline; MARANHÃO, Cristina. Alfabetização e letramento em língua materna e em matemática. *Ciência & Educação* (Bauru), vol. 21, núm. 4, 2015, pp. 931-943 Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho São Paulo, Brasil.

MATTOS, José Roberto Linhares de. BOMTEMPO, Silvana Lucas. O Conhecimento Matemático de Trabalhadores Rurais. Mattos, José Linhanes de. (Org.). *Etnomatemática: Saberes do Campo*. Curitiba: CRV, 2014.

MATTOS, José Roberto Linhares de. RAMOS, Josélio Rodrigues. Práticas de Educação Matemática na Educação do Campo. *Revista de Matemática, Ensino e Cultura*. REMATEC. nº 25 Ano 12. Maio-Agosto de 2017.

MATTOS, José Roberto Linhares de. RAMOS, Josélio Rodrigues. *Etnomatemática: Saberes do Campo*. Curitiba: CRV, 2016.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. A Abordagem *Etnográfica na Investigação Científica*. Rio de Janeiro, UERJ, 2001.

MENEZES, Lená Medeiros de. Bastidores um Outro Olhar sobre a Imigração no Rio de Janeiro. *Revista Arquivo Nacional*. Acervo, Rio de Janeiro, v. 10, nº 2, pp. 85-98, jul/dez 1997.

MÜLLER, Mariza . *Os Portugueses na Formação de Petrópolis (1836-2018)*. Edição do Kindle.

PERRENOUD, Philippe. *As Competências para Ensinar no Século XXI: A Formação de Professores e o Desafio da Avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PONTE, João Pedro da. A Investigação Sobre o Professor de Matemática: Problemas e Perspectivas do Professor. *Educação Matemática em Revista - SBEM*. nº 11: Ano 8. Ed. Dezembro, 2001.

ROSA, Milton. OREY, Daniel Clark. *Influências Etnomatemáticas em Salas de Aula: Caminhando para a Ação Pedagógica*. Curitiba: Appris, 2017.

ROSA, Milton. OREY, Daniel Clark. *Um Estudo Etnomatemático da Influência da Linguagem no Ensino e Aprendizagem da Matemática*. Anais do Sétimo Seminário de Educação e Leitura: Desafios e Criatividade, com ISBN 978-85-425-0115-5. Simpósio 6: Educação Etnomatemática como Leitura de Mundo. Natal. Nov: 2013.

SANTOS, Juliana Batista Pereira dos. LARA, Isabel Cristina Machado de. História da Matemática e Etnomatemática: O Ensino de Projeções Aritiméticas. *Revista de Educação, Ciências e Matemática*. V.11. n.3. CS 5672. 2021.

SANTOS, Marcia Maria. A Matemática do Mundo Agrário: Uma Abordagem Etnomatemática na Pedagogia de Projetos. Mattos, José Linhanes de. (Org.). *Etnomatemática: Saberes do Campo*. Curitiba: CRV, 2014.

SERRAZINA, Lurdes. A Formação para o Ensino da Matemática: Perspectivas Futuras. *Educação Matemática em Revista*. SBEM. nº 14: Ano 10. Ed. Agosto de 2003.

TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. Petrópolis: Vozes, 2014.

ZEFERINO, Joycimar Lemos Barcellos. MARTINS, Daniel Felipe Lemos. *A Formação de Professores que Ensinam Matemática nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*. V CEDUCE. Rio de Janeiro, 2018.

VASCONCELLOS, Celso. *Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico - Elementos Metodológicos para Elaboração e Realização*. 13ª ed. São Paulo: Libertad Editora, 2006.

Da Horta ao Horto. Documentário da Produtora Cria Local. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eQa2zh_dfr8. da Produtora - Cria Local. Acesso em Setembro de 2021.